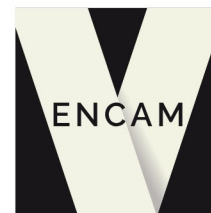




27 A 30 DE MAIO DE 2026

V ENCONTRO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



O Partimento como Jogo Musical Pedagógico

Vinicius de Mello Jordão¹, Ana Luisa Fridman²

¹Universidade de São Paulo, ²Universidade de São Paulo

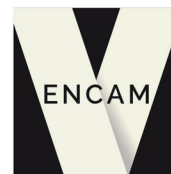
vinicius.jordao@usp.br, anafridman@usp.br

RESUMO

PROBLEMA/QUESTÃO

Nas últimas décadas vem ocorrendo o crescimento de um movimento internacional dedicado ao estudo, pesquisa e retomada de práticas de composição e improvisação em estilos históricos fomentando discussões acerca do potencial performático e pedagógico dessas práticas. Nesse movimento, destacam-se dois elementos: 1) a Teoria dos Esquemas (Schema Theory) discutida por Robert Gjerdingen (2007, 2020; R. Gjerdingen & Bourne, 2015), que analisa a linguagem musical dos séculos XVIII e XIX a partir dos conceitos de Esquema da psicologia cognitiva e propõe que a fluência na criação nesse idioma musical se dá pela assimilação e domínio de seus esquemas característicos; 2) a abordagem pedagógica histórica dos partimentos, que consistem em baixos cifrados que um estudante deve completar com vozes superiores de acordo com as regras de contraponto do estilo para criar uma composição ou improvisação (Sanguinetti, 2012). Porém, como discutido por Gjerdingen, realizar bem um partimento não é apenas uma questão de seguir regras gramaticais, mas também de reconhecer que um partimento é composto por esquemas que “pedem” uma resposta particular típica do estilo. Desse modo, um partimento se assemelharia a um jogo ou quebra-cabeça musical onde o estudante deve buscar em seu vocabulário fórmulas assimiladas anteriormente para encontrar boas respostas para os “problemas” propostos pela linha de baixo cifrado podendo com isso, inclusive, aprender diferentes maneiras de responder às mesmas situações. Neste trabalho, argumentamos que a relação entre um partimento e um jogo pode ir além da mera analogia, sendo possível pensar um partimento literalmente como um jogo musical. Nessa linha, podemos configurar uma perspectiva que enfatiza as características lúdicas dessa pedagogia e nos permite abordá-la à luz de teorias da ludicidade e dos estudos sobre jogos e aprendizado, de modo a melhor compreender e explorar seus potenciais pedagógicos.





OBJETIVOS

Discutir o potencial da abordagem dos partimentos para processos de aprendizado a partir de teorias dos campos dos estudos de jogos e da psicologia.

RESULTADOS E/OU PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES

Concebidos como jogos, partimentos estruturam espaços lúdicos que oferecem uma livre exploração de escolhas, mas onde essa liberdade é mediada e regulada por restrições, metas e desafios (Upton, 2015). A partir de pesquisas dedicadas aos Jogos Sérios (Cody et al., 2009), argumentamos que essas características lúdicas dos partimentos têm o potencial de favorecer o aprendizado de teoria, performance e criação musical em estilos históricos de ao menos duas maneiras: 1) Motivando um engajamento ativo, prático e de maior intensidade com os conteúdos propostos (Csikszentmihalyi, 2009; Gee, 2009; Grace, 2020; Toni, 2024); 2) Impulsionando e mediando a aquisição desses conhecimentos e habilidades por meio da solução de problemas, desafios e testes (Binks, 2018; Gee, 2009; Karpicke & Blunt, 2011; Miranda, 2004; Sternberg & Kibelsbeck, 2022).

CONCLUSÕES E/OU IMPLICAÇÕES

Os potenciais pedagógicos da abordagem dos partimentos e sua ainda escassa presença no contexto brasileiro justificam experimentações e investigações empíricas sobre sua eficácia nos processos de ensino e aprendizagem de teoria, performance e criação musical em estilos históricos.

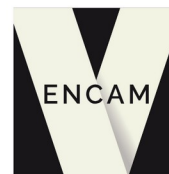
PALAVRAS-CHAVE

Partimento, Jogos Sérios, Jogos Musicais, Aprendizado Musical

REFERÊNCIAS

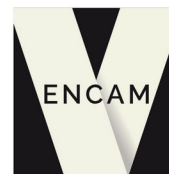
- Binks, S. (2018). Testing enhances learning: A review of the literature. *Journal of Professional Nursing*, 34(3), 205–210. <https://doi.org/10.1016/j.profnurs.2017.08.008>
- Cody, M. J., Ritterfeld, U., & Vorderer, P. (Org.). (2009). *Serious games: Mechanisms and effects*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203891650>
- Csikszentmihalyi, M. (2009). *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. Harper Perennial Modern Classics.
- Gee, J. P. (2009). Deep Learning Properties of Good Digital Games: How far can they go? Em M. J. Cody, U. Ritterfeld, & P. Vorderer (Org.), *Serious games: Mechanisms and effects*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203891650>
- Gjerdingen, R., & Bourne, J. (2015). Schema Theory as a Construction Grammar. *Music Theory Online*, 21(2). https://www.mtosmt.org/issues/mto.15.21.2/mto.15.21.2.gjerdingen_bourne.html
- Gjerdingen, R. O. (2007). *Music in the galant style*. Oxford University press.





- Gjerdingen, R. O. (2020). Child composers in the old conservatories: How orphans became elite musicians. Oxford University Press.
- Grace, L. D. (2020). Doing things with games: Social impact through play. CRC Press/Taylor & Francis Group.
- Karpicke, J. D., & Blunt, J. R. (2011). Retrieval Practice Produces More Learning than Elaborative Studying with Concept Mapping. *Science*, 331(6018), 772–775. <https://doi.org/10.1126/science.1199327>
- Miranda, M. I. (2004). Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica. *Ensino em Re-Vista*. <https://doi.org/10.14393/ER-v13n1a2044/2005-1>
- Sanguinetti, G. (2012). The art of partimento: History, theory, and practice. Oxford University Press.
- Sternberg, R. J., & Kibelsbeck, J. G. (2022). Teaching musical learning as problem-solving: Applying a theory of musical intelligence to musical instruction. *Psychology of Music*, 50(5), 1696–1706. <https://doi.org/10.1177/03057356211055215>
- Toni, A. (2024). Motivação e engajamento em contextos de prática, ensino e aprendizagem de música. *Orfeu*, 9(1), e0203. <https://doi.org/10.5965/2525530409012024e0203>
- Upton, B. (2015). The aesthetic of play. The MIT Press.





Partimento as a Musical Pedagogical Game

Vinicius de Mello Jordão¹, Ana Luisa Fridman²

¹Universidade de São Paulo, ²Universidade de São Paulo

vinicius.jordao@usp.br, anafridman@usp.br

ABSTRACT

RESEARCH QUESTION/PROBLEM

Over the last few decades there has been a growing movement dedicated to the study, research and practice of composition and improvisation practices in historical styles fostering discussions regarding the performative and pedagogical potential of such practices. Two topics in such movement are deserving of attention: 1) Schema Theory as discussed by Robert Gjerdingen (2007,2020; R. Gjerdingen & Bourne, 2015), which analyses 18th and 19th century's musical styles using the concept of Schema from cognitive psychology and suggests that fluency in musical creation in such styles depends on acquiring and mastering their typical schemata; 2) the historical partimento pedagogical approach, that consists in figured basses to which a student must add complementary upper voices following stylistic rules of counterpoint in order to create a composition or improvisation (Sanguinetti, 2012). However, as discussed by Gjerdingen, to properly realize a partimento is not a matter of just following grammatical rules, but of recognizing that a partimento is made of schemata that “ask” for a particular response that is typical of the style so that a partimento is similar to a musical game or puzzle where the student must search her vocabulary for previously learned formulae in order to find good responses to the “problems” suggested by the bass line and, perhaps, even learn new manners to respond to the same situations. We argue that the relationship between a partimento and a game can go beyond that of mere analogy so that it is possible to conceive of a partimento literally as a musical game. This constitutes a perspective that highlights the ludic aspects of such pedagogy allowing us to approach it from the perspective of Play and Games Studies in order to better understand and explore its pedagogical possibilities.

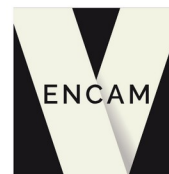
OBJECTIVES

To discuss the pedagogical potential of the partimento approach to learning processes based on theories from the fields of game studies and psychology

RESULTS AND/OR MAIN CONTRIBUTIONS

Conceived as games, partimenti structure ludic spaces which offer free exploration of choices, but where such freedom is mediated and regulated by constraints, goals and challenges (Upton, 2015). Based on research dedicated to Serious Games (Cody et al., 2009), we argue that such ludic features have the potential to contribute to learning of musical theory, performance and creativity in historical styles in at least two ways: 1) Motivating an active, practical and higher intensity engagement with the proposed





subjects (Csikszentmihalyi, 2009; Gee, 2009; Grace, 2020; Toni, 2024); 2) Fostering and mediating the acquisition of such knowledge and skills through problem-solving, challenges and tests (Binks, 2018; Gee, 2009; Karpicke & Blunt, 2011; Miranda, 2004; Sternberg & Kibelsbeck, 2022).

CONCLUSIONS AND/OR IMPLICATIONS

The pedagogical potential of the partimento approach and its scarce presence in Brazilian contexts justifies further empirical research regarding its efficacy in processes of teaching and learning music theory, performance and creativity in historical styles.

KEYWORDS

Partimento, Serious Games, Music Games, Music Learning

REFERENCES

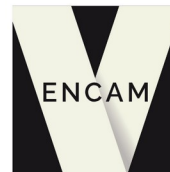
- Binks, S. (2018). Testing enhances learning: A review of the literature. *Journal of Professional Nursing*, 34(3), 205–210. <https://doi.org/10.1016/j.profnurs.2017.08.008>
- Cody, M. J., Ritterfeld, U., & Vorderer, P. (Org.). (2009). *Serious games: Mechanisms and effects*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203891650>
- Csikszentmihalyi, M. (2009). *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. Harper Perennial Modern Classics.
- Gee, J. P. (2009). Deep Learning Properties of Good Digital Games: How far can they go? In M. J. Cody, U. Ritterfeld, & P. Vorderer (Org.), *Serious games: Mechanisms and effects*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203891650>
- Gjerdingen, R., & Bourne, J. (2015). Schema Theory as a Construction Grammar. *Music Theory Online*, 21(2). https://www.mtosmt.org/issues/mto.15.21.2/mto.15.21.2.gjerdingen_bourne.html
- Gjerdingen, R. O. (2007). *Music in the galant style*. Oxford University press.
- Gjerdingen, R. O. (2020). *Child composers in the old conservatories: How orphans became elite musicians*. Oxford University Press.
- Grace, L. D. (2020). *Doing things with games: Social impact through play*. CRC Press/Taylor & Francis Group.
- Karpicke, J. D., & Blunt, J. R. (2011). Retrieval Practice Produces More Learning than Elaborative Studying with Concept Mapping. *Science*, 331(6018), 772–775. <https://doi.org/10.1126/science.1199327>
- Miranda, M. I. (2004). Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica. *Ensino em Re-Vista*. <https://doi.org/10.14393/ER-v13n1a2044/2005-1>
- Sanguinetti, G. (2012). *The art of partimento: History, theory, and practice*. Oxford University Press.
- Sternberg, R. J., & Kibelsbeck, J. G. (2022). Teaching musical learning as problem-solving: Applying a theory of musical intelligence to musical instruction. *Psychology of Music*, 50(5), 1696–1706. <https://doi.org/10.1177/03057356211055215>



27 A 30 DE MAIO DE 2026

V ENCONTRO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



Toni, A. (2024). Motivação e engajamento em contextos de prática, ensino e aprendizagem de música. Orfeu, 9(1), e0203. <https://doi.org/10.5965/2525530409012024e0203>

Upton, B. (2015). The aesthetic of play. The MIT Press.



FAPITEC/SE
FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA E À INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA DO ESTADO DE SERGIPE

